

Veridiana, o normal e a razão

Camila Salles Gonçalves

Comentado por
Celia Blini de Lima e Julieta Jerusalinsky

Camila Salles Gonçalves é professora de Filosofia, doutora pela FFLC da USP, psicóloga pela PUCSP, psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e do Conselho Editorial de Resenhas de *Percurso* – Revista de Psicanálise, autora de *Desilusão e História na Psicanálise de Jean Paul Sartre* e de outras publicações sobre Psicanálise e sobre Filosofia e Psicanálise.

Celia Maria Blini de Lima é psicanalista. Didata e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise. Mestre e doutora pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Membro sócio-fundador da Associação Brasileira de Casal e Família. Autora de artigos e capítulos de livros na área clínica e de família. Psicanalista de casal e família.

Julieta Jerusalinsky é psicanalista, mestre e doutora em psicologia clínica (PUC-SP), fundadora do Instituto Travessias da Infância: Centro de Estudos Lydia Coriat/SP, assim como da REDE-BEBÊ. Autora de *A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê* (2011); *Enquanto o futuro não vem: Psicanálise e clínica de bebês* (2022), entre outros.

DOI 10.70048/percurso.76.133-144

Veridiana levava uma vida *normal*. E acho que o problema era esse. Procurou-me a partir da indicação de uma amiga, que fora colega de faculdade e que ela considerava “lúcida”. Pelo jeito, tinha obtido a indicação, mais a partir de ter comentado que queria “fazer análise”, do que de uma solicitação que acompanhasse alguma conversa a respeito de sua vida privada. Entendi que ela não desabafava com pessoa alguma. A amiga, assim como outros amigos que interagiam na sua vida social, *fazia análise* e isso era considerado “normal”.

Na entrevista inicial, descreveu, com aparente objetividade, seu marido e filho e seu trabalho. Queixou-se de uma certa tensão e perguntou se eu achava que “devia fazer análise”. Respondi que não pensava que *devia* ou que *tinha que*, mas que o método psicanalítico poderia ajudá-la a se escutar em seus momentos de tensão e talvez a encontrar novos pontos de vista. Não fez mais perguntas. Combinamos horários e honorários.

A partir da primeira sessão, trouxe um tema que a preocupava: acreditava que não conseguia cuidar direito de sua casa e de seu filho de dois anos. Tinha uma empregada doméstica, a Guta, que havia trabalhado muitos anos para sua mãe, era “de confiança” e a “conhecia” muito bem, desde criança. Cuidava da casa e ajudava com o garotinho, que tinha uma babá, que Guta supervisionava com discrição.

Além de relatórios, Guta apontava para Veridiana as falhas na lista de compras do supermercado que a patroa fazia, assim como em outras providências da vida doméstica e nas instruções que ela dava para a babá. Falava a respeito, criticando-a, para ela mesma e diante da mãe dela, que morava perto. Lembrei-me da Madre Cristina, psicóloga, fundadora do Instituto Sedes Sapientiae, que dizia

que sogra devia morar a duas conduções de distância. Veridiana não tomava condução. Tinha a suposta tranquilidade financeira da classe média alta. Acho que a madre estava meio errada. Pensei que nem sempre é a sogra que deveria morar mais longe.

Procurei espantar o óbvio para escutar o presente. Veridiana recebia as críticas e se esforçava para falhar menos. Nem tentava discutir, e nem parecia pensar nisso quando relatava os diálogos. Comentou, *en passant*, seu aumento de peso, de que não gostava, sem se lamentar de forma expressa, sem declarar intenção de emagrecer.

A angústia de Veridiana transparecia quando ela me perguntava se tal ou tal coisa era *normal*, ou se tinha *razão* em relação a alguma atitude, suposição ou comportamento. Quase sempre falava de coisas que tinha esquecido de fazer ou não tinha feito por ter outras prioridades. Repetia para mim os comentários ou conselhos da mãe, que teriam ocorrido depois de esta ouvir relatos feitos por Guta.

Um exemplo:

Veridiana: Minha mãe me disse que, se eu quiser ser boa mãe, não pode faltar nenhum legume da lista que ela me deu. Será que não consigo ser uma mãe normal?

Analista: Por que sua mãe faz essa lista?

Veridiana: A minha mãe é organizada, faz lista de quase tudo. Converso com a pediatra sobre alimentação, mas não escrevo...

Analista: Será que precisa?

Veridiana: Às vezes minha mãe me cansa... É tudo certinho, arrumado.

Analista: E a Guta fica conferindo?

Veridiana (rindo um pouco). É isso mesmo.

Analista: As mães não são iguais.

Não respondo diretamente a perguntas, mas a outras afirmações contidas na fala. É minha estratégia no uso do método. Também me detenho diante de algumas palavras. Mas, só muito depois, abri a discussão sobre a ideia de *normal*. Disse que não a estava julgando e nem poderia porque, para mim, *normal* era só uma curva estatística e que eu não sabia o que seria uma pessoa *normal*.



aos poucos parece
ter se dado conta do ridículo
e do absurdo de seu interesse pela troca
de informações entre Guta e a mãe.

Veridiana irritou-se: Mas você sabe o que eu estou querendo dizer!

Analista: Não sei direito. Você conhece aquela letra do Caetano, “de perto ninguém é normal”?

Veridiana, por assim dizer, dá-se por vencida. É inteligente e seu senso de humor parece ajudá-la a aceitar ou a conviver com minha falta de respostas formais ou óbvias.

Aos poucos parece ter se dado conta do ridículo e do absurdo de seu interesse pela troca de informações entre Guta e a mãe. Supus, e ainda suponho, que um mudo sentimento de culpa criava essa espécie de cegueira do cotidiano. Penso agora com mais nitidez a respeito da ironia dessa cegueira. Fabio Herrmann referia-se ao cotidiano como um véu, que disfarçava o absurdo da vida por meio da rotina. Para esse psicanalista e autor, nós, psicanalistas sem dúvida “devemos cuidar de não inventar um *cotidiano psicanalisável*, objeto-espelho de nossas próprias categorias”¹.

Quando Veridiana mencionou algum palpite da mãe sobre o filho, pedi que ela me falasse dele *com ela*, Veridiana, como era o jeito do menininho, como se expressava, como brincava...

Veridiana pareceu sair de uma relativa apatia, falando com prazer de seus diálogos com o filho, de palavras que ele inventava e reinventava, frases que usava, com ela e com o pai. Deu um exemplo divertido: um amigo do pai foi visitá-los na casa da praia (dos pais de Veridiana) e deu de presente para o garoto um brinquedo que ele adorou, uma escavadeira, com a qual ele podia cavar a areia, encher a caçamba do pequeno veículo, despejar, encher de novo etc. Lucas tinha corrido para a areia na frente da casa e ficado lá, entretido. Quando o rapaz se despediu, o marido



Veridiana se imaginava discutindo e brigando com a mãe e me perguntou se não era absurdo ficar pensando nisso, nisso que nunca ia fazer e se não era irracional ficar com essas ideias

de Veridiana chamou seu filho e disse: “Fala obrigado para o amigo do papai”.

O menino aproximou-se um pouco do alpendre, onde estavam os adultos, e gritou alegremente: “Obrigado para o amigo do papai!” E voltou correndo para a areia e o brinquedo.

Ri e Veridiana também. Comentou que ela e o marido também tinham achado muita graça. Ela e o marido, pelo que me contava, pareciam se entender bem com o filho e a respeito do filho.

Analista: Quando estão com ele, vocês não precisam de muita gente, não é?

Pareceu concordar e estar *à vontade*. Disse que ela e o marido não gostavam de passar fins de semana naquela casa de praia, mas que a mãe insistia e que o lado bom era que o filho curtia. Os avós não eram chatos com ele.

Numa sessão, Veridiana disse mais ou menos o seguinte: “Você trabalha com crianças... Por que perguntou minha idade (por telefone) quando marcou a entrevista comigo? Achou que eu tinha voz de criança?”

Analista: “De criança não, mas também trabalho com adolescentes. Se você fosse adolescente, precisaríamos falar sobre o limite da participação dos pais, o sigilo... Jamais conto as sessões para os pais.”

Ficou em silêncio, aparentemente pensativa. Esse curto diálogo ajudou-me muito em relação a uma de minhas dificuldades, a de diminuir a desconfiança de Veridiana em relação ao sigilo. Certa vez desconfiou, de repente, que nossa sessão estava sendo gravada.

Segundo minha memória, nossas sessões foram ficando mais interessantes, isto é, menos repetitivas. Veridiana contava mais sobre o filho e o marido, às vezes desabafava a irritação com a mãe obsessiva, a falta de vontade de ir para a casa de praia dos pais onde era tudo muito certinho, refeições nos horários... Mas o filhinho curtia os avós, o marido não se importava com a “mania de arrumação” da sogra. O pior é que não ficavam à vontade para ter vida sexual, apesar de esse ser um terreno em que o único palpite da mãe era que “nenhum casal tinha que falar de sua vida sexual para ninguém” (é óbvio que aí havia uma advertência para mim, consciente ou não).

Não excluo a metapsicologia da minha escuta, apesar de não incluí-la deliberadamente, de não me relacionar com analisando a partir de teorias. Mas ouvi que Veridiana estava interditando o campo da sexualidade e o risco de revelar fantasias que me dessem acesso a este.

Uma vez perguntei sobre sonhos e Veridiana disse que nunca se lembrava dos sonhos. Eu disse que mesmo que se lembrasse só de um pedacinho, podia me contar, se quisesse, porque poderia ajudar nas nossas conversas.

Às vezes, Veridiana se imaginava discutindo e brigando com a mãe e me perguntou se não era absurdo ficar pensando nisso, nisso que nunca ia fazer e se não era irracional ficar com essas ideias. Dei uma resposta meio pedagógica, disse que todos nós, *terráqueos*, imaginamos coisas que não fazemos e não vamos fazer.

Em outra oportunidade, acrescentei que *todos* temos um resto de pensamento mágico, seguido do medo de que as coisas que pensamos tenham efeito.

Aos poucos, Veridiana parecia curtir mais a própria vida. Emagreceu, gostava de escolher suas roupas. Falava com prazer sobre o filho e o marido. Este era um amor de fim de adolescência. Aceitou o pedido dela para se apresentar a seus pais, e assim ela pôde sair com ele e iniciar o namoro. Casaram logo depois que terminaram as faculdades e começaram a trabalhar. Viviam fazendo programas com amigos. Pelo retrato falado,

1 F. Herrmann, *Psicanálise do cotidiano*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1997, p. 32.

tinham um relacionamento predominantemente gratificante.

Eu imaginava que o marido *sacava*, em algum nível psíquico, consciente ou inconsciente, que Veridiana tinha alguma espécie de culpa em relação à mãe e que ele tentava fazer com que ela se preocupasse menos, sem alimentar o assunto.

Como sugeri acima, a mãe chata não dava palpite no casamento. Um dia, como se já tivesse me contado ou como se eu soubesse desde sempre, Veridiana comentou o aborto que a mãe tivera antes de engravidar “dela”, dizendo que a Guta era muito querida na família porque ajudara muito a mãe dela nessa ocasião.

Analista: E você aprendeu a ser muito grata em relação à Guta.

Veridiana: É. E eu gosto dela, mas ela é muito chata.

Analista: Gosta também porque ela foi como uma mãe para a sua mãe.

Veridiana: É isso mesmo.

Imagino uma relação complicada de culpa, talvez inveja e reparação entre essas três mulheres, mas não dou um pio a respeito.

Analista: São chatas porque dão muitos palpites, não é?

Veridiana: É óbvio.

Calo-me.

Aos poucos, o assunto das críticas foi saindo de cena.

Veridiana estava insatisfeita com o trabalho. Considerava sua remuneração satisfatória, mas achava sua rotina muito sem graça. Admitiu que queria *ter feito* Letras, mas tinha achado que era uma faculdade muito fora da vida prática, *sem pés no chão e muita fantasia*. Na época em que escolheu a faculdade, para ela, pensar em *Letras* não era racional. E seu pai tinha concordado.

(Dei palpite.) Assinalei que talvez não fosse apenas uma questão de *racionalidade*, que havia profissionais sérios na área de literatura e que se tratava de uma formação que até incluía atividades bem úteis na “vida prática”, como aprendizagem de novas línguas e traduções. Disse que não iria fazer mal a ela reconhecer esse “gosto por Letras”.



é claro que fui levada a aceitar a substituição de sonhos por filmes e romances. Ajudaram-me textos de Freud sobre personagens de Shakespeare, às vezes retomados por outros pensadores da psicanálise

Cá entre nós, Veridiana trabalhava com números.

Acho que foi um bom tempo depois, que Veridiana começou a contar os romances que lia, os filmes a que assistia. Conversávamos a respeito de personagens. Assim como ela, eu comentava alguns traços destes, às vezes. Fantasias eróticas encontravam esse veículo e acho que tornaram mais prazerosas suas relações com o marido, que parece ter se mantido como objeto do desejo.

É claro que fui levada a aceitar a substituição de sonhos por filmes e romances. Ajudaram-me textos de Freud sobre personagens de Shakespeare, às vezes retomados por outros pensadores da psicanálise, com é o caso de Lady Macbeth, analisada por André Green. A pergunta deste autor, “Por que Lady Macbeth não dorme?” é do tipo que Veridiana pôde fazer, refletindo sobre personagens dos romances que lia. Parece que, nesse campo transferencial, quem praticava “psicanálise aplicada” era Veridiana.

Um belo dia, Veridiana iniciou um curso de fotografia (conhecido, a meu ver, de nível excelente).

Veridiana foi mudando de trabalho e desenvolvendo seu talento em fotografias artísticas. Lembra-me a pulsão de ver, *Sehentrieb* (traduzida por alguns autores por *pulsão escópica*), atribuída por Freud a Leonardo da Vinci, e que teria voltado a predominar na existência do artista e inventor quando este saiu de uma depressão.

Foi na fase final da análise que, pela primeira vez, Veridiana me contou um sonho. Começou a narrativa, com a maior “naturalidade”, como se isso acontecesse durante todas as suas sessões.



sei que Veridiana, para alguns, seria normótica, palavra que dispensa definições e era usada por Pierre Weil, psicólogo que foi importante para a história das psicoterapias no Brasil

O sonho de Veridiana

Estava na casa da mãe, em São Paulo, abria um armário e havia “milhares” de coisas dentro de embalagens plásticas e ela queria tirar “as coisas” de dentro das embalagens mas não conseguia. Aparecia uma amiga que dizia que ela não devia perder tempo com isso e que iria fazer a maior bagunça. Desenlace suspenso. Em minha intervenção interpretativa, falei de duas ou mais personagens do sonho: uma queria ver, e talvez liberar, desejos, fantasias, criações artísticas; uma, que era prática, queria racionalizar o tempo, sem gastá-lo para desembrulhar a imaginação, e uma, que tinha medo da imaginação, medo de bagunçar tudo e perder o controle, imposto pela “mãe”.

Sei que Veridiana, para alguns, seria *normótica*, palavra que dispensa definições e era usada por Pierre Weil, psicólogo que foi importante para a história das psicoterapias no Brasil. Acho que a palavra facilita a apresentação de Veridiana, mas não a utilizo como diagnóstico.

Trabalhando na teoria psicanalítica sobre este caso e refletindo segundo a Teoria dos

Campos, de Fabio Herrmann (a meu ver, teoria que dá sequência às teorias psicanalíticas de Freud), penso que Veridiana, quando veio para a análise, vivia em um campo de vigilância disciplinar, de perfil paranoide inconsciente. Houve ruptura desse campo, não de repente, não num súbito insight, mas aos poucos. Parece que se rompeu o campo da família de excesso de ordem e, lentamente, passou a predominar o campo da pequena família prazerosa. Segundo o que apontam Fabio Herrmann e outros pensadores, não há um Eu único ou tesouro do Eu, que um analista ou o próprio sujeito possa encontrar.

Minha interpretação do sonho de Veridiana está de acordo com este pressuposto. É claro que Veridiana são os “milhares” de coisas presas, que ela quer desembrulhar.

Enunciar sentenças completas para meus analisandos não faz parte de meu jeito de trabalhar, que pretende se apoiar em textos, supervisões e palestras de Pierre Fédida, cuidando para não cair na tentação que, para mim também, pode advir da formação filosófica: “toda posição filosófica é antipsicanalítica. Toda terapia que se inspirar de uma posição filosófica fará sempre aparecer a morte”.

A filosofia só pode aprisionar a vivência das transferências, limitando-a por meio de definições e conceitos. Pierre Fédida prossegue: “pois a síntese conquistada dessa maneira nega as coisas contrárias ao acreditar ultrapassá-las. Então, o que se chama de síntese nada mais é que o sintoma”². Desembrulhar-se é o trabalho de Veridiana, na própria análise.

Comentários de Celia Blini de Lima

O que um dia vou saber, não sabendo eu já sabia.
[G. Rosa, Ave, palavra]

O que acontece com as pessoas acontece na relação – contexto para a existência, a transformação

e a construção de identidades. Como diria Fédida, duas pessoas juntas aprendem de si o que não sabiam, pois mesmo o analista muito analisado conhece de si uma boa parte, a outra fica por ser conhecida: é despertada ao longo de seus encontros com as pessoas, em situações da vida e com os seus pacientes.

1 P. Fédida, *Clínica psicanalítica – estudos*, São Paulo, Escuta, 1988, p. 46.

Acompanhar a dupla Veridiana e analista, como um “terceiro olhar” para esta experiência analítica, permite uma distância da situação emocional vivida pela dupla, em contínua experiência emocional e uma abrangência de visão, uma vez que estamos fora do encontro analítico. Essa posição permite o sonhar sobre o material apresentado, com o pensar “sentido” ou um pensar que pode dar um sentido; aquele olhar que não é apenas um pensar, inclui a intuição e a emoção que a aproximação transmitida suscita e inspira. Passa a ser, portanto, uma “razão” ampliada, para usar o tema oferecido pela narrativa clínica, que se coloca no campo da relação e que pode ser compartilhada.

Considero o *setting* analítico o campo de ressonâncias da vida psíquica, onde acontecem a transferência, a contratransferência, pensamentos formados por percepções e internalizações distorcidas, que insistem em permanecer e pressionar a vida psíquica. A análise permite colocá-los em circulação para que ganhem novos significados, uma significação que seja verdadeira para os dois. Por outro lado, o campo analítico é também o lugar que pode permitir que novos estados e experiências nunca vividos possam emergir, pois inaugura um continente de acolhimento, que pode nunca ter acontecido antes e que permite o inusitado (revelações, pensamentos inéditos, segredos, lembranças apagadas ...) que ali aparecem como um fato psíquico novo (Blini de Lima, p.4).

Na concepção de Trinca, “o analista torna-se um fator discriminante do contato com a realidade”, busca palavras que contenham significado emocional, auxiliando o analisando “a dar forma ao que antes era vivido como uma zona escura ou plana” (p. 76).

As reflexões que seguem, desejo que sejam um estímulo para uma leitura do material clínico, apenas “um sonhar sobre” o que aconteceu no encontro analítico.

Veridiana chega à análise, como a maioria de nós, sem saber qual seria seu motivo interno. Apresenta sua vida como *normal* e justifica que também é *normal* em seu grupo de amigos, fazer



*a fala nem sempre é usada para
comunicar algo do próprio sujeito, mas
pode ter caráter evacuativo ou servir
para preencher o vazio de si, afastar
uma dor e, em outras, distrair a analista*

análise. Ainda assim quer ouvir o parecer da analista a respeito, em busca de concordância. Aqui já explicita em que *lugar* pode colocar o analista, o lugar daquele que vai dar as respostas certas para suas perguntas ou dúvidas. O mesmo ocupado por suas interlocutoras frequentes, a mãe e Guta, referências para o que ela não sabe e para corrigi-la, através de questionamentos e críticas. Podemos observar, desde o início, a atenção da analista para tal modo de funcionamento que se repete na transferência. Em meu modo de pensar a psicanálise, o lugar da resposta não é o da psicanálise, eu diria que seu lugar é o inverso – desconstruir as certezas que o analisando nos traz, construir a capacidade dele de pensar suas incertezas e auxiliá-lo no interesse do conhecimento de si mesmo.

Importante lembrar que a fala nem sempre é usada para comunicar algo do próprio sujeito, mas pode ter caráter evacuativo ou servir apenas para preencher o vazio de si, ou para afastar uma dor e, em outras, distrair a analista. O cotidiano para Veridiana parece servir para isso, nos leva a cogitar um inexistir em si mesma, seguido de sentimentos de insegurança e irritação, como hipótese inicial. Quero lembrar Sapienza (2016) quando nos alerta para o fato de que nem sempre estamos diante de associações livres, mas de seu arremedo – as “dissociações livres”, que servem para afastar o analista de sua observação livre, aprisionando-o num discurso vazio, colocando-o num estado distante da atenção vigilante e da atenção flutuante, podendo chegar ao efeito de fazer naufragar a atenção do analista ao que seria primordial (p. 234).

A analista, sensível ao mecanismo de ser distraída com as queixas repetitivas de Veridiana,



a analista, usando com habilidade a proposta de abertura, num tema recorrente, aborda o tema do “normal”, que aparece desde o princípio da busca da análise

expressões de sua prisão ao seu cotidiano, coloca algo importante em suas palavras: “procurei espantar o óbvio para escutar o presente”. E aos poucos, vai se aproximando do que a paciente fala *en passant*: alguns de seus sinais de ansiedade, como o aumento de peso. A analista denota sua intenção de levar a paciente à descoberta de um mundo interno e de uma realidade psíquica, fazendo associações entre o que a paciente refere do mundo externo e como repercute em seu mundo interno.

Veridiana denota ser uma paciente que instiga bastante a analista a responder suas perguntas, função que ela felizmente recusa, colocando no campo a angústia da não resposta, abertura para a entrada da possibilidade de levar a paciente a pensar por ela mesma. Um momento que considero de presença da capacidade de *rêverie* da analista, por poder estar com a paciente sem responder, empaticamente, ajudando-a a respeitar o espaço para pensar uma resposta diante de uma questão, permitindo o aprender com a experiência emocional dentro da sessão. Pessoas intolerantes à dor e à frustração, diz Bion (1970) “sentem a dor, mas não a sofrem; assim não é possível dizer que elas a descubrem” (p. 26).

Cabe então à analista levar a paciente a aproximações dessa dor, que vem através de discursos muitas vezes distantes dela, mas que aparecem por indícios na fala – a irritabilidade, a repetição, a evasão ou a busca de respostas. E o cotidiano da vida, com suas chatices, serve bem a isso. A analista, usando com habilidade a proposta de abertura, num tema recorrente, aborda o tema do “normal”, que aparece desde o princípio da busca da análise, e o faz conduzindo-o para a ampliação

e para a investigação, lembrando a música que diz “de perto ninguém é normal”, do Caetano, para mostrar que o conceito pode ter mais de um sentido. A resposta da analista faz emergir a irritação da paciente, revelando seu querer ser compreendida de pronto.

Esse é um momento importante vivido nessa análise, permite associar a presença de uma angústia de separação, que segundo Klein pode reportar a estados de desamparo. Aqui, podemos perceber como a paciente usa a palavra – toma-a como se ela dissesse tudo e encerrasse um único entendimento. Essa abertura promovida pelo desencontro cria uma cesura, coloca a presença de duas pessoas separadas e, apesar da resistência da paciente, abre caminho para a expansão e até para despertar o senso de humor da paciente, ainda que dentro da ironia, expressão da agressividade.

Mantém-se até aqui a hipótese da analista de que “um sentimento de culpa criava essa espécie de cegueira”, e que a levava a preencher a conversa com questões do cotidiano das relações com sua mãe e Guta. Penso que esse conteúdo ocupa o lugar de afastar Veridiana de pensar, por ela mesma, sobre o que fala e se interessar pelo que sente. Por outro lado, é bastante comum que as pessoas cheguem assim à análise; o trabalho analítico é uma conquista da dupla, que pode ser alcançado ou não.

E como podemos observar no desenvolvimento da sessão, a analista segue nessa direção em busca de trazer o vértice psicanalítico, ao se aprofundar na experiência em busca das emoções da paciente e de novas escutas, como ouvir relatos de momentos de Veridiana com seu filho e também de desvendar o mistério da submissão, que a mantém presa à mãe e a Guta, pessoa de confiança da mãe. Essa relação de dependência de aprovação só cessa quando é possível a cada um sustentar-se em sua própria posição. Pode ser um indício da dificuldade da paciente de se separar delas e se responsabilizar pelo que pensa. Para realizar esse trabalho psíquico precisa muito da ajuda da analista, que encontra uma brecha para tal, ao ressaltar a narrativa de um encontro

de família: “quando estão juntos (ela e o marido) com ele (o filho) não precisam de muita gente”. Dessa forma abre a perspectiva de que ela se valorize, valorize a prioridade de sua família e vá percebendo seu modo de ser.

O despertar do olhar para si mesma nos mostra algo bem interessante: que a paciente ao questionar se a “analista trabalhava com crianças”, expande para algo sentido por ela mesma que agora vai ganhar significado, através da pergunta se a analista “achou que, ao telefone, a voz dela era de criança”. Aqui podemos pensar que estava havendo uma conexão entre o consciente e aspectos gravados no inconsciente. A entrada dessa pauta que revela suas fantasias abre espaço para a conversa sobre as relações assimétricas e privativas, que está presente em toda a narrativa, tema antes não possível pelo emaranhado das relações trazidas por Veridiana, que suscitavam possivelmente fantasias persecutórias – não estarem sós na sala ou de a analista estar gravando.

Podemos cogitar que o tema do terceiro para Veridiana pode ter sido de importância desde muito cedo na relação com os pais: ou se sentiu excluída, ou teve desejos fortes de excluir a mãe, entre outros, decorrendo daí sentimentos de ódio, dirigidos à dupla parental ou à mãe, consequência de suas vivências edípicas, que aparecem na relação transferencial com a analista. Esses ataques podem gerar ansiedade e culpa, como menciona Klein (1948). O “não ficar à vontade para viver uma vida sexual” que menciona pode estar ligado a esses sentimentos primitivos que, registrados pela experiência emocional, e retidos no inconsciente pela força da repressão, sofrem a ação das vicissitudes dos processos psíquicos: se deslocam para o presente e se apresentam disfarçados nas relações atuais ou nos sonhos em estados de sono ou vigília. As vicissitudes do trabalho onírico – conteúdo, condensação, deslocamento, proposto por Freud (1900) – estão presentes não só no trabalho onírico do sonho em estado de sono, mas apresentam-se também na fala (a palavra *normal*, que pode ser uma condensação, referida no discurso da paciente), nos sonhos em estado



*nesse caso, o próprio pensamento
é uma descarga emocional para
o sistema psíquico, mas não tem efeito
na realidade externa. A imaginação,
porém, muitas vezes, é nossa sorte*

de vigília (uso da imaginação, ou o pensar dentro) e nos servem muito para nos aproximar dos conteúdos implícitos na comunicação verbal.

Considero de importância os sonhos em estado de vigília, especialmente para pacientes que se recordam pouco dos sonhos sonhados à noite. Vemos aqui nesse relato como a paciente tem uma interlocução interna com a mãe, onde ela é capaz de responder com sua raiva aos comentários da mãe, chegando a discutir e brigar, como acontece no sonho dormindo, em que podemos realizar desejos barrados pela censura ou por medo da espontaneidade e da retaliação.

Nesse caso, o próprio pensamento é uma descarga emocional para o sistema psíquico, mas não tem efeito na realidade externa. A imaginação, porém, muitas vezes, é nossa sorte – cria um campo de experiências que nos prepara para a ação, ainda mais se for compartilhada com uma analista que acolhe essa revelação. Viver a raiva, para Veridiana, parecia não ser possível sem sentir medo, pois demonstrou medo até de sentir, novamente expressando sentimentos de perseguição. Nesse momento, com mais elementos podemos reforçar o que supôs a analista acerca de um possível sentimento de culpa inconsciente.

Quando emagrece, Veridiana nos leva a pensar que tem se interessado mais por si mesma, e que possivelmente houve para isso uma mudança psíquica, resultante de um processo analítico exitoso, que, à medida que segue, permite novas revelações e lembranças e cada vez mais associações livres, denotando o aumento de sua confiança na analista e na construção da intimidade. Entre seus relatos revela o aborto da mãe, cuidado e contido por Guta, o que acentuou sua relação de



*e, como uma coisa leva a outra,
esse novo caminho aberto
pela análise funda seu interesse
por fotografia, denotando valor
ao seu olhar pessoal*

submissão a suas críticas, expressa em palavras – “ela foi como uma mãe para minha mãe”, o que parece ter fechado sua boca. Instala-se assim uma dívida de gratidão eterna, por transmissão psíquica de mãe para filha, que parece ter construído essa aceitação de tudo que vem dela, ainda que não possa evitar que os sentimentos negativos em relação a suas atitudes apareçam em seu interior. Gratidão é um sentimento amoroso e bom de ser vivido, mas tem sua finitude; quando não, torna-se uma dívida eterna, um aprisionamento do eu. Por outro lado, é um sentimento bastante transformador, porque inaugura uma relação de reciprocidade e respeito.

Pudemos acompanhar na leitura da apresentação clínica que há um recorte da analista para algumas colocações da paciente, que se tornaram por ela selecionados como evidências tiradas da experiência vivida e da experiência emocional da dupla que permitiram correlações e conjecturas analíticas na condução dessa análise, o que certamente não penso valer como pontos fechados e que nos levem a pensar que “conhecemos Veridiana”. Correspondem a fatos selecionados ao longo de uma sessão, que permitem abertura e uma conversa que promove e amplia a capacidade de pensar da paciente, através do exercício de pensar, aguardar ou explicitar em palavras quando algo se apresenta. A analista se afasta da maneira de se comunicar dos objetos de relação com quem Veridiana se relaciona – uma comunicação crítica e que enquadra no certo e errado. Isso abriu para novos conteúdos, como a conversa a respeito de sua escolha profissional, que parece ir mais na direção de ser aceita pelos pais e longe de sua escolha pessoal, “seu gosto por Letras”. Essa abertura, muito útil, acolhida pela

analista, traz a literatura e leitura para dentro da análise, permite abrir mais o campo do sonhar da paciente, pelas identificações e desidentificações com os personagens, deixando transparecer o uso de sua capacidade simbólica. Às vezes, fazemos contribuições não analíticas, mas que funcionam como um incentivo e enriquecem o campo analítico, como foi essa, que permitiu a continuidade da conversa, destacando o individual de cada uma da dupla analítica.

A escolha de Letras, que traria mais aproximações ligadas à arte e à possibilidade de sonhar e fazer conexões internas – literatura, filmes, entre outras – talvez levasse Veridiana mais para perto de suas emoções, suas fantasias e sonhos. Se, naquele momento, não tivesse o preparo emocional para enveredar nos caminhos do desconhecido de si mesma, a escolha de uma profissão que se centra num mundo mais lógico, racional, pareceria mais protetor, uma proteção que não duraria para sempre, como não durou, mas que lhe concederia tempo para o amadurecimento para se aproximar de si mesma, dos seus desejos e do interesse pelo conhecimento da realidade psíquica.

E, como uma coisa leva a outra, esse novo caminho aberto pela análise funda seu interesse por fotografia, denotando valor ao seu olhar pessoal, afastando-a de sua profissão e do “campo da vigilância disciplinar”, representado por seus pais e por seus objetos internos censuradores, que despertavam uma persecutoriedade inconsciente contínua e persistente, como pudemos observar dentro e fora da situação analítica. Chega, ao final da análise, podendo até lembrar de um sonho bem interessante, que permite à analista perceber o campo novo de descobertas de Veridiana, a descoberta de um ser interior, se contrapondo ao seu modo de ser até antes de procurar a análise.

Como disse a analista à Veridiana, sempre teremos “milhares de coisas presas” para alcançar. Por mais que se abra caminho para o nosso interior, algo de infantil e desconhecido sempre nos habitará.

Gostei muito de sonhar essa experiência psicanalítica e compartilhar com a analista e os leitores

minhas conjecturas. Honrada com o convite, agradeço à analista deixar transparecer seu cuidado com a paciente, sua preocupação em não antecipar as suas descobertas intuitivas, que, compartilhadas num momento que pode ser recebido pela paciente, ganham o status de verdadeiras, pois nascem da experiência emocional da dupla. Fica possível observar no material o quanto suas intervenções promoveram à paciente autoconhecimento, a descoberta de uma realidade psíquica, ampliações na sua maneira de olhar para si mesma e para a vida.

Referências bibliográficas

- Bion W.R. (1977). *Two papers: the grid and caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2000). *Cogitações*. Trad. E.H. Sandler; P.C. Sandler. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1970/2006). *Atenção e interpretação*. 2. ed. Trad. P.C. Sandler. Rio de Janeiro: Imago.
- Fédida P. (1988). *Clínica psicanalítica: estudos*. São Paulo: Escuta.
- Freud S. (1900/1976a). A interpretação dos sonhos: primeira parte. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 4. Trad. W.I. de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1900/1976b). A interpretação dos sonhos: segunda parte e sobre sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 5. Trad. W.I. de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1926[1925]/1976c). Inibições, sintomas e ansiedade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 20. Trad. C.M. Oiticica. Rio de Janeiro: Imago.

Comentário de Julieta Jerusalinsky

Fazer análise ou como perfurar a achatada embalagem da normalidade

Há casos clínicos que colocam em cena um modo de sofrimento psíquico que não se caracteriza pela proliferação de sintomas frondosos impositivos do acontecimento da vida cotidiana e sim o achatamento da interrogação acerca do desejo, da fantasia e do sentido da vida no que esta possa ter de inventivo. Assim se apresenta Veridiana ao buscar tratamento: em uma “chata” embalagem de normalidade.

Sem angústia e sem ousadia de relançar as significações do viver, há quem viva a vida desde a lógica da adequação, com um discreto sucesso



*sem angústia e sem ousadia
de relançar as significações
do viver, há quem viva a vida
desde a lógica da adequação*

- Klein M. (1991a). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê: 1952. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos: 1946-1963*, v. 3. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1991b). Sobre a teoria da ansiedade e da culpa: 1948. In *Inveja e gratidão e outros trabalhos: 1946-1963*, v. 3. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1996a). Amor, culpa e reparação: 1937. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos: 1921-1945*, v. 1. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1996b). Estágios iniciais do conflito edipiano: 1928. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos: 1921-1945*, v. 1. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1996c). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas: 1945. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos: 1921-1945*, v. 1. Rio de Janeiro: Imago.
- Lima C.M.B. de (1993). *Uma intersecção na função analista-supervisor*. Trabalho apresentado no Doutorado da USP. São Paulo.
- Sapienza, A. (2016). *Reflexões teórico-clínicas em Psicanálise*. São Paulo: Blucher.
- Trinca W. (1983). *O pensamento clínico em diagnóstico da personalidade*. Petrópolis: Vozes.
- Veloso C. (1986). *Vaca profana* [Gravada por Caetano Veloso]. In - (ao vivo) [LP]. Rio de Janeiro: Philips.

em encaixar-se nos parâmetros de correção e performances de produtividade situadas desde a sociedade, bem como desde as expectativas dos que o amam “ou pensam que o amem” como nos diz Freud no caso da jovem homossexual acerca das demandas familiares que atravessam um tratamento.

Quando este tratamento é de um adolescente, essas demandas são diretamente endereçadas ao analista, tantas vezes situado transferencialmente em um lugar desde o qual precisará com estratégia esgrimir-se dos pedidos de adequação que objetificam o paciente a serviço dos familiares para propiciar uma abertura que poderá fazer o desejo do paciente advir e possibilitar-lhe um laço



*Freud coloca que é
nesse non sense que irrompem
verdades sobre o sentido da vida
daquele que os produz*

com o social e o relançamento de sua filiação de modo inventivo.

Quando se trata de alguém que demanda tratamento em idade adulta – com todas as ressalvas que esse termo coloca em cena, dado que o semblante de adulto não significa deixar de ser habitado pelo infantil – esses Outros encarnados comparecem desde a fala do paciente, já que seu tecido pulsional foi alinhavado no laço com aqueles que o cuidaram (pais, babás, professores) e que deixaram as mais profundas e decisivas inscrições para quem o paciente se tornou.

Alguns pacientes chegam a tratamento não com uma dor pungente, um traumatismo que irrompe, uma impossibilidade de elaboração que inibe. Mas desde uma chatice situada aqui, não como um julgamento da forma de viver de alguém depreciando-a como tediosa, afinal há diferentes modos de fazer da vida uma aventura, mas pelo achatamento de significações e de acontecimentos psíquicos que parecem aplainados, submetidos pela adequação a uma redução de relevos, rugosidades, reentrâncias, dobras ou espessamento decorrente da pressão das circunstâncias às quais alguém, muitas vezes até de bom grado, se submeteu.

Por que então alguém com um bom casamento, um bom trabalho, um bom filho, uma boa casa, com bons pais que a convidam a passar o final de semana em uma boa casa da praia e que a fazem herdeira inclusive de uma boa funcionária na administração doméstica poderia solicitar análise? Talvez por desconfiar de que haja algo a mais por trás dessa película de adequação que tantas vezes se chama de normalidade. Para o bem de quem? Pergunta Lacan no seminário da ética.

Normaloides: os chatos da razão

Na continua planície da normalidade em que se faz da vida uma lista de itens a preencher parece que nada *há de advir*, não há *aventura*. Talvez o pior da normalidade seja isso, que nem sequer seja um ponto inexistente e idealizado como média na curva e sim a total falta de curva ou relevo, um achatamento desde o qual se aniquila o *sinthoma* como aquilo que articularia, que daria significância e outorgaria a graça do relevo à vida de cada um. A normalidade como achatamento da relevância do viver em prol da adequação pode ser uma grave doença tantas vezes fomentada pela moral psiquiátrica.

Em tempos sociais nos quais os quadros nosográficos se tornam questões identitárias e em que a ideia de normalidade se erige como uma moral, é preciso recordar que Freud, além de situar os graves sintomas dos “doentes dos nervos”, situou a psicopatologia da vida cotidiana que, com seus sonhos, chistes, atos falhos e lapsos atravessa a vida corriqueira rompendo a razão.

Freud coloca que é nesse *non sense* que irrompem verdades sobre o sentido da vida daquele que os produz. Lacan depois arremata esta questão afirmando “sou onde não penso e penso onde não sou”. Inverte assim o *cógito* cartesiano situando junto a Freud que a sede do ser não é a razão e sim o inconsciente. Tais formações do inconsciente da psicopatologia da vida cotidiana se produzem desde a mesma lógica e percurso psíquico do que os graves sintomas. Assim a borda entre a normalidade e a psicopatologia é muito mais borrada do que pretende a moral psiquiátrica.

No entanto, podemos considerar que há *sintomas clínicos* que produzem obstáculos profundamente custosos na vida de alguém. Que se repetem como tropeços constantes no não elaborado. É o que Freud chamava de graves neuroses e que Lacan chama de *symptôme*, aos quais é possível dar um tratamento saindo da repetição desses sintomas clínicos tratáveis.

Porém há sintomas que produzem uma resposta do sujeito ao seu fantasma fundamental

dando a este uma solução que amarra a significância do viver. Isso é o que Lacan chama de *sinthoma* e que podemos situar como *sinthoma* de estrutura, dado que cumpre uma função nodal para quem se é articulando real, simbólico e imaginário.

O tratamento de Veridiana permitiu a ela interrogar a chatice controladora da mãe e da funcionária à qual se via submetida e identificada. Gostei muito do termo *normótica* proposto pelo autor/analista. Ele se assemelha ao que costumamos nomear como *normaloides* enquanto aqueles que vivem à sobra da adequação, achatados pelas listas a preencher do que outros consideram uma “vida boa” sem poderem se perguntar pelo desejo que divide, desacomoda mas também coloca relevância no viver.

O tratamento de Veridiana permitiu curá-la do sintoma clínico da normalidade.

Despertar para o sonho

Antes da associação livre, em muitos tratamentos, há um longo caminho a percorrer, pois há pacientes que chegam sem uma experiência bastante anterior que é a de poder conversar com os mais próximos – cônjuges, familiares, amigos – sobre o que se sente e o que se pensa sobre a vida. Vidas que se vivem sem que se ponha em perspectiva a possibilidade da elaboração da experiência.

Veridiana chega assim, sem essa experiência de diálogo, na condição de não ter com quem

“desabafar” e, portanto, em uma vida vivida com sentidos abafados pelo imperativo da eficiente praticidade doméstica que parece encobrir dívida e culpa silenciadas em uma história transgeracional de mulheres que ocultam um aborto (Veridiana está também em meio a um jogo entre uma “madre superiora” e uma “funcionária” tal como a personagem do filme de Buñuel de mesmo nome – o que pode ter implicado por associação a escolha do nome fictício do caso).

Desde seus iniciais desabafos em análise vão aparecendo camadas, dobras, relevos dessa história, gostos esquecidos que passam a ser evocados. Surgem fantasias diurnas de brigas, são narrados junto a sua história passagens ficcionais de filmes e romances que reintroduzem o ficcional como articulador central para a construção da realidade de viver.

O desejo vai se desdobrando, até que se apresenta o sonho. Sonho que antes não podia ser sonhado, mas que ganha seu lugar endereçado na transferência. Sonha que quer abrir as embalagens. Comparece uma voz de curiosidade que a move a poder fazer alguma bagunça enquanto outra lhe impõe a manutenção da ordem, do recobrimento (encobrimento) dos conteúdos. Ela se divide deparada à ousadia de, ela mesma, começar a sair do embrulho para presente da demanda dos outros. E assim, sem retorno, se cura do achatamento da normalidade e começa a aventura em que algo surpreendente pode advir.